

**LÍNGUA ALEMÃ E EDUCAÇÃO:
relevância do legado nos Estudos da Linguagem e na formação
de educadores**

Luciane Maria Schlindwein¹

Nelita Bortolotto²

Maristela Pereira Fritzen³

A proposta deste volume é tratar do ensino e da aprendizagem da língua alemã como possibilidade para pensar a linguagem em seu sentido amplo, enfatizando concepções e a importância deste conhecimento na formação do sujeito que ensina e aprende a ensinar. A relação entre língua materna e línguas adicionais, na nossa contemporaneidade, exige-nos reconhecê-las e configurá-las no universo educacional das múltiplas linguagens e semioses, neste nosso mundo globalizado e cibernético, neste nosso Brasil que

[...] embora mostrando uma relativa unidade linguística, decorrente da hegemonia historicamente construída da língua portuguesa, continua um país com imensas dificuldades para reconhecer sua cara linguística (ainda hoje não há uma aceitação clara de que somos um país multilíngüe, com centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas de imigração – todas elas minoritárias, mas partes significativas do nosso patrimônio cultural). (FARACO, 2007, p. 47-48).

Instala-se, pois, um enfrentamento da relação do homem com o conhecimento da língua pela compreensão da palavra “outra”

¹ Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Departamento de Metodologia de Ensino. Campus Trindade, Florianópolis. E-mail: lucmas@uol.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora da UFSC - Departamento de Metodologia de Ensino. Campus Trindade, Florianópolis. E-mail: nelbortolotto@gmail.com

³ Mestranda em Educação no Programa de Mestrado em Educação da Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb) - Departamento de Letras, Centro de Educação. E-mail: martharmaas@gmail.com

(outra língua) e seus sentidos sociais, históricos e culturais. Têm-se, então, itinerários dialógicos complexos no campo do conhecimento da linguagem interiorizados na história e cultura dos falantes de diferentes línguas, com impactos no mundo da cultura e da vida do homem. Bakhtin (1990), filósofo da linguagem, defende a tese de que “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.” (BAKHTIN, 1990, p. 113), e, com base nesta concepção de língua, assume que não adquirimos a língua materna, mas, sim, somos constituídos nela; por ela. Portanto, no processo de apreensão de uma outra língua, a consciência dos falantes da língua materna se defronta com uma língua que é outra, mas que está solidamente formulada (neste caso, a aquisição é ou espontânea ou por processo planejado – acadêmico). Ainda acompanhando as ideias de Bakhtin (2003), pela compreensão que o autor tem do modo como nos relacionamos com o mundo e com os outros no mundo, o estudo da língua, resguarda o autor, se dá pelos signos, na concretude da interação: “Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado” (BAKHTIN, 1990, p. 319). Desse modo, como prática social, o ensino e o aprendizado de uma ou outra língua demandam perquirir valores axiológicos da linguagem, na constituição social, histórica e cultural do homem.

Com o propósito da compreensão dos sentidos da língua alemã como acontecimento social na arquitetura dos estudos da linguagem, este número da *EntreVer* apresenta trabalhos de diferentes naturezas pelos quais olhares distintos espreitam a língua alemã na vida cotidiana, na ciência ou na arte, em tempos e espaços históricos distintos, do que *foi*, *é* ou se põe como *por vir* quando o tema é a língua alemã em suas manifestações múltiplas.

A partir dessa perspectiva, busca-se compreender os caminhos que essa língua percorreu no contexto brasileiro. O idioma alemão como língua estrangeira esteve presente no currículo de

escolas do País a partir de 1841, no segundo reinado do Brasil Império, no Colégio Pedro Segundo. Em 1873, seu ensino passou a ser obrigatório. No entanto, em 1931, nova legislação torna o idioma alemão facultativo, devendo ser obrigatório o ensino de inglês e francês. Com as políticas de nacionalização do governo getulista (1938-1945), a língua alemã foi retirada definitivamente do currículo das escolas secundárias estatais em 1942 (COUTO, 2012).

Já em antigas zonas de imigração no Brasil, especialmente no Sul, o ensino *da* língua alemã e *na* língua alemã esteve presente desde a criação das primeiras escolas comunitárias e religiosas pelos imigrantes e seus descendentes, a partir de meados do século XIX⁴. Os grupos teuto-brasileiros organizaram todo um sistema de ensino a fim de suprir a demanda por educação básica nessas regiões. Em Santa Catarina, os professores fundaram a *Deutscher Schulverein für Santa Catarina* (Associação das Escolas Alemãs para Santa Catarina). A Associação criou um boletim mensal (*Mitteilung*) dirigido aos professores, contendo orientações pedagógicas.

No entanto, com as duas campanhas de nacionalização do ensino (a primeira, em Santa Catarina, a partir de 1911, e a segunda, durante do Estado Novo), escolas foram fechadas, livros e materiais foram confiscados, a imprensa em língua alemã foi suspensa. A imposição do silenciamento linguístico aos imigrantes e seus descendentes interrompeu o que chamamos hoje de “práticas de letramento” em língua alemã, que até a década de 1940 eram comuns em zonas de imigração, com a circulação de jornais, livros e outros artefatos culturais, em diferentes esferas sociais. Após esse período de imposição do português como língua nacional única, até meados de 1980, o inglês predominava nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina. No período de 1984 a 1988, como desdobramento do projeto *Reintrodução e Diversificação de Ofertas*

⁴ Vide, entre outros, Kreutz (2003), Fritzen e Ewald (2013).

do Ensino de Línguas Estrangeiras no Primeiro e Segundo Graus da Rede Pública Estadual de Santa Catarina, num convênio firmado entre a Secretaria de Educação do Estado e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o alemão passou a fazer parte do currículo escolar de algumas escolas do estado de Santa Catarina, como no Vale do Itajaí.

Atualmente, embora tenham surgido políticas de educação linguística que buscam ampliar a oferta da língua alemã em escolas públicas no Estado, como é o caso do município de Pomerode, parece que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que a língua alemã seja visibilizada e valorizada na educação básica, permitindo aos alunos ampliarem seu repertório linguístico e suas possibilidades de interação com outras culturas.

Refletir, portanto, sobre o ensino da língua alemã requer considerar os diferentes contextos em que as escolas se inserem, a fim de não se cair na armadilha de impor um ensino de alemão como língua estrangeira a quem a adquiriu no lar ou ainda tem contato com ela na esfera social. Em vista disso, e de toda a complexidade nos próprios processos de ensinar e aprender línguas, nesse caso, a língua alemã, torna-se necessário tematizar a formação inicial e continuada de professores.

Nessa perspectiva, este número da *EntreVer* presta uma homenagem à professora Elisabeth Maria Trauer, que atuou de 1988 a 2013 no curso de Licenciatura em Letras-Alemão, na UFSC, como docente titular da área de Metodologias do Ensino de Alemão e Estágio Supervisionado, no Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Ciências da Educação. Sem dúvida, o conjunto dos textos que compõem esta publicação intenta promover a circulação de discursos orais e escritos, a interação pela reação-resposta do leitor. A pedagogia da língua é posta em indagação, mediante o que entendemos como encontro formativo, acontecimento da docência ou a sua aprendizagem.

A formação de professores, tanto inicial como continuada, vem se constituindo em objeto de pesquisas acadêmico-científicas e em tema de debates no campo da educação e dos estudos da linguagem, como evento de formação do homem que ensina a ensinar no curso do desenvolvimento do sujeito-professor, no ensino (academia) ou na profissão (professor). Somam-se a essas configurações interativas outros desafios, como os que se impõem no reconhecimento e trabalho com a diversidade cultural (entre outras) e com a inserção de público de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola. Esses são, pois, temas mote deste número.

Abrindo o número temático com a seção *Ensaio Discentes*, temos a contribuição de Carlos Fernando da Silva Santos, que relata sua experiência como professor em uma escola em Munique, na Alemanha.

Na seção *Ensaio Docentes* há quatro contribuições para este número. Inicialmente, Clarissa Mombach discute o uso do computador em salas de aula de línguas estrangeiras. Diante dos avanços tecnológicos e da presença cada vez maior de ferramentas de comunicação na vida das pessoas, Mombach reflete sobre os desafios que essa nova realidade impõe para as práticas pedagógicas e apresenta possibilidades de uso em sala de aula. Célia Carmem Martinson e Raquel Terezinha Sampaio, por sua vez, põem em destaque o estágio curricular supervisionado e a pesquisa acadêmica, protagonizados por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, analisando a relação entre teoria e a prática profissional no processo de formação inicial de professores. Em seguida, na esteira do tema da aprendizagem da docência, temos relato de Elizabeth Maria Trauer, cujo título é “Aprendendo a Língua Alemã com Textos Literários: duas Experiências de Ensino Realizadas Em São Bonifácio (SC)”. Nesse relato, Trauer apresenta duas experiências de estágio

supervisionado em prática de ensino, problematizando-as a partir do enfoque comunicativo no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras, no contexto escolar. Tal metodologia contextualiza, em sala de aula, o uso da língua em “situações reais”, “autênticas”. Adriana Lins Leal, no terceiro texto que compõe a seção, aborda uma experiência encampada por mulheres brasileiras que se associaram e criaram uma escola bilíngue (português/alemão), em Frankfurt, Alemanha. Este estudo apresenta um pouco da proposta curricular desta escola. Encerrando a seção, Valéria Contrucci de Oliveira Mailer tematiza o ensino da língua alemã no Vale do Itajaí, antiga zona de imigração alemã, por meio de suas experiências docentes.

A seção *Artigos* é aberta por Luciane Maria Schlindwein, Nelita Bortolotto e Wanessa Bruna Santos Brito Gomes, que versam sobre a história da língua alemã no Brasil, bem como sobre a aprendizagem de uma segunda língua na educação infantil, sublinhando pontos de convergência entre cultura, língua e bilinguismo e considerando as posições de confronto e interação entre línguas (relações dialógicas).

No artigo seguinte, Neiva Jung faz uma importante reflexão sobre a necessidade de políticas linguísticas brasileiras, que legitimem, na educação formal, línguas presentes em contextos multilíngues. Apoiando-se nos estudos dos letramentos, Jung mostra como as identidades de gênero e étnico-linguísticas se articulam com as práticas de linguagem em um contexto de língua alemã, foco de pesquisas da autora.

Ademir Valdir dos Santos discute a imigração alemã e sua influência na cultura e nas escolas de Santa Catarina, no terceiro artigo que integra a seção. Apoiado na perspectiva da História da Educação e das instituições escolares, Santos analisa discursos de diferentes fontes, como relatos de viajantes, textos da imprensa, da esfera jurídica e escolar, entre outros, a fim de tecer relações entre a

língua alemã, a germanidade e a construção das identidades culturais em Santa Catarina, com enfoque nas instituições de ensino.

E seguida Sabrina Gewehr-Borella aborda a influência do bilinguismo na aprendizagem de uma língua estrangeira. Partindo de falantes do hunsriqueano-português, a autora busca desconstruir o preconceito existente em relação a manifestações linguísticas de falantes de línguas minoritárias e apontar os benefícios que o bilinguismo pode trazer à aprendizagem de línguas.

A partir de um contexto formal de educação bilíngue alemão-português de uma escola no Rio de Janeiro, Mônica Maria Guimarães Savedra e Heloisa Madeira Liberto discutem o desenvolvimento da competência intercultural e da aquisição de língua e cultura 2. Fundamentadas numa perspectiva sociocultural da linguagem para o ensino de línguas, as autoras trazem uma importante contribuição para se (re)pensar conceitos e métodos envolvidos em práticas de linguagem interculturais em salas de aula.

Focalizando duas regiões de imigração alemã, uma no Rio Grande do Sul e outra em Santa Catarina, Ana Paula Rigatti-Scherer socializa dados de uma pesquisa que investigou os aspectos linguísticos envolvidos na produção do rótico em *onset* por falantes bilíngues português-alemão.

Martha Regina Maas e Maristela Pereira Fritzen discutem dados de uma pesquisa que buscou desvelar representações sobre o bilinguismo (alemão/português) que acadêmicos de licenciatura constroem em um contexto plurilíngue de Santa Catarina. As autoras problematizam visões de língua e dialeto, tendo em vista as implicações desses conceitos para a formação de professores e para a educação formal de crianças de grupos minoritários.

Fecha a seção de artigos o texto de Paulo Hentz, que resgata, por meio de uma pesquisa documental, uma relevante iniciativa de formação de professores em Santa Catarina, o Programa Magister, resultado de uma parceria estabelecida entre o Governo do Estado e

instituições catarinenses de Educação Superior. Por meio da experiência do Magister, no final da década de 1990, Hentz busca refletir sobre o papel do Poder Público diante das lacunas na formação de professores e sua articulação com outras instituições educacionais.

Completa este número temático uma entrevista realizada por Luciane Maria Schlindwein e Nelita Bortolotto com a professora Elisabeth Maria Trauer, do Centro de Ciências da Educação, Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/MEN/UFSC), como forma da gratidão dos integrantes de um departamento universitário a uma profissional comprometida com ações que qualificam estudos no campo educacional brasileiro e para além dele. A professora Beth, como é conhecida na UFSC, nesta entrevista que concedeu à Revista *EntreVer*, expõe sua trajetória na docência como profissão, avançando diálogos ao que lhe foi peculiar em seu percurso como professora de línguas estrangeiras/adicionais, especialmente da língua alemã, no Colégio de Aplicação da UFSC, no Curso de Letras/UFSC e no Departamento de Metodologia do Ensino (MEN/UFSC). Beth foi pioneira em muitas frentes: estreitou relações entre instâncias de ensino universitário da educação básica (municipal e estadual); valorou a agregação da língua, do Alemão, e de seu ensino; foi promotora de projetos voltados a políticas de ensino para séries iniciais do Ensino Fundamental e literatura voltada a este público específico; implantou o Programa europeu *Hocus & Lotus*; criou o Núcleo de Estudos sobre o Bilinguismo Infantil (NEBI), isto para ficar em uns poucos exemplos. Por essa razão, neste número trazemos, ainda, a seção especial intitulada *Depoimentos*, na qual Leandro Belinaso Guimarães e Roseli Perez Xavier trazem suas palavras, mas também representam, pelo discurso pessoal, o discurso de um corpo docente ao qual a professora Beth esteve vinculada como profissional do magistério

superior. A palavra de Leandro e Roseli valora a profissional, Msc Elisabeth Maria Trauer, que desencadeou um trabalho comprometido com a formação inicial de professores, porém com trajetória marcada por uma gentileza singular tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

As resenhas deste número analisam duas obras recentes, publicadas em diferentes continentes. Nelita Bortolotto e Luciane Maria Schlindwein apresentam o livro intitulado *Projetos educacionais populares no contexto do Estado: um estudo da Proposta Curricular de Santa Catarina*, publicado inicialmente como tese de doutorado pelo professor Paulo Hentz, sob o título *Volksbildungsprojekte im Kontext staatlichen Handelns: eine Analyse des Erarbeitungs – und Revisionsprozesses des Rahmenlehrplans des Bundesstaates Santa Catarina*, na Universität Gesamthochschule Siegen – Fachbereich 2 – Erziehungswissenschaft. As autoras destacam a reflexão contida nessa obra ao pôr em destaque o pensamento filosófico e político do Ocidente refletido e refratado na história da educação brasileira, especialmente na educação do Estado Santa Catarina e particularizado no processo de constituição de uma Proposta Curricular para este mesmo Estado. Cristina Borchet, por sua vez, debruça-se sobre a obra *Vom Umgang mit sturen Eseln und beleidigten Leberwürsten. Wie Sie Konflikte kreativ lösen [Tratando com burros teimosos e linguças ofendidas. Como solucionar conflitos de maneira criativa]*, publicada na Alemanha em 2013. Na resenha, a autora destaca a importância dessa leitura, em particular, para a compreensão do que se concebe como conflito nas relações eu-outro e o que delas decorre.

A Revista EntreVer tem se consolidado como um espaço profícuo de reflexão sobre ensino e formação de educadores, acenando diálogos entre a educação superior e a básica, promovendo a interlocução entre pesquisadores, acadêmicos da graduação e da pós-graduação e professores de diferentes

instâncias educativas ou externos a elas. Nossa intenção, como organizadoras deste volume, é fortalecer o diálogo entre instâncias de ensino de diferentes níveis, configurando-o como espaço de palavra que diz, mas que também é “escuta”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).

COUTO, L. C. Sobrevoos pela História do Ensino de Alemão-LE no Brasil. **Helb**, História do Ensino de Línguas no Brasil, v. 6, n. 6, jan. 2012.

FRITZEN, M. P.; EWALD, L. “Aqui somos protegidos pelas nossas quatro paredes. Aqui nós falamos alemão”: histórias de letramentos interculturais no Vale do Itajaí, SC. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 52, n. 2, p. 239-258, 2013.

KREUTZ, L. Língua de referência na escola teuto-brasileira. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2003. p. 133-157.